

SINTOMA AO PÉ DA LETRA

“A psicanálise é um sintoma?”. Essa é a questão que Lacan (1974a, p. 6/7) coloca em “A Terceira”, à qual ele responde atribuindo à psicanálise a condição de um “sintoma social”, visto que ela criou um novo discurso que se coloca no lugar da falta de relação sexual. O discurso analítico nasceu da inversão do discurso do mestre feita por Freud ao descobrir o inconsciente. R.S.I é o enunciado daquilo que é operado na palavra pelo discurso analítico.

Lacan (1975a) dirá, ele mesmo, que começou pelo Imaginário, para em seguida passar ao simbólico e acabar no Real, onde pode produzir a forma do nó. Nos anos de 1970 essa abertura aos efeitos do Real na psicanálise lacaniana é notável. Mas, o nó implica em uma amarração da teoria, uma nova forma de apresentar os conceitos.

No seu estudo do Imaginário, Lacan se apoiou na ciência da etologia que o permitiu trabalhar sobretudo o corpo, o estádio do espelho, o narcisismo, as relações imaginárias e a construção do ideal e do eu no sujeito. Para o estudo do Simbólico, Lacan se sustentou nos conhecimentos da linguística, buscando esclarecer a teoria já existente de Freud de um inconsciente estruturado como uma linguagem. Em seguida, graças ao desenvolvimento do *objeto (a)* e da angustia no “Seminário 10”, o Real começa a se formular pela via de uma falta presente na angustia.

Lacan retoma a angustia no seminário “R.S.I” resgatando a analogia freudiana de “Inibição, Sintoma e Angustia”. O sintoma “é o Real” (Lacan, 1974b, p. 3) é um conceito que ele vai abordar desde o começo deste seminário. É uma forma de fazer signo de alguma coisa que não vai bem no Real. Dito de outro modo, o sintoma é o efeito do simbólico no Real.

O seminário “R.S.I” vai preparar o terreno para o *sinthoma*, que será o título do seminário seguinte, no qual Lacan falará de Joyce. Entretanto, o sintoma de “R.S.I” já havia sido abordado de um modo diferente. Voltamos à Freud. Freud defendeu a noção de formação de compromisso do conflito entre o eu e o isso para obter uma satisfação pulsional que foi recalçada. Os gozos que fazem intercessão com o Simbólico são marcados pela libido. É o que Freud chamava de pulsão de vida ligada a uma representação. Lacan dirá que o gozo fálico é o gozo marcado pelas palavras, desse modo, ele parasita os gozos que estão articulados ao Simbólico.

Lacan em “R.S.I” vai supor um Real em Freud, o Real do recalque no Simbólico e do umbigo dos sonhos que ex-siste ao Real do furo. Não obstante, ele

propõe aqui a ex-sistência de alguma coisa que se metaforiza do gozo fálico, dito de outra forma, “é ao Real como fazendo furo que o gozo ex-siste” (Lacan, 1974b, p.15). E é sobretudo em torno desse gozo fálico que está o Real no qual o analista tem que lidar.

Para Freud, os sintomas são, portanto, signo da neurose, fruto de um recalque de pulsões, retornando no corpo como substitutos de gozo sexual. Nós podemos dizer que mesmo em Freud não existe a relação sexual, mas sobretudo as pulsões parciais.

As formações do inconsciente atestam a tese de um inconsciente estruturado como uma linguagem visto que eles são formados por suas leis, isto é, a metáfora e a metonímia. O inconsciente estruturado como uma linguagem é uma descoberta freudiana reafirmada por Lacan. Como Lacan dizia em 1970, é Freud que antecipa a linguística porque o “inconsciente é a condição da linguagem” e vice-versa (Lacan, 1970, p. 4). Dito isso, o inconsciente não é inconsciência, mais principalmente *une bévue*, um passo em falso que tem o som de “*unbewusst*” (inconsciente em alemão). Esse passo em falso se personifica em lapsos, sonhos, chistes e sintomas. Com a ressalva de que o sintoma é “a única coisa verdadeiramente Real”, segundo Lacan no seminário 24.

A esse propósito, Lacan retoma o inconsciente de Freud no seu texto “Joyce o Sintoma”, disponível nos “Outros Escritos”, para anunciar que o fala-ser é um termo que deveria vir no seu lugar. Isso significa que o fala-ser é um inconsciente estruturado tanto na linguagem quanto no corpo de gozo. O sujeito é um corpo que goza e não é somente suposto por um par de significantes, ou seja, as leis da linguagem se tornaram insuficientes para tratar de todos os fenômenos que Lacan pode remarcar na sua clínica. É isso que o leva ao inconsciente Real de *Lalingua*: “O Real é o que ex-siste, na qualidade daquilo que eu defino pelo efeito de *Lalingua*” (Lacan, 1975a, p. 51).

Pouco depois, ainda no mesmo seminário, “R.S.I”, Lacan (1975a, p. 75) dirá que haveria apenas uma definição possível do inconsciente: “O inconsciente é o Real (...) O Real como o que é furado”. Em 1977, Lacan vai especificar o seu movimento em direção ao inconsciente Real de *Lalingua* como algo que está além do inconsciente freudiano:

“Freud tinha então poucas ideias do que seria o inconsciente. Mas, me parece - ao lê-lo - que nós podemos deduzir que ele pensava que se tratava apenas de efeitos do significante” (Lacan, 1977, p. 26).

Teria Lacan rompido com as ideias de Freud? Eu não acredito nisso. Ao ir além das ideias freudianas, ele não as nega, apenas acrescenta novas reflexões.

Para voltar ao seminário “R.S.I”, há ainda um outro ponto importante sobre o inconsciente Real. Ele é Real uma vez que, no fala-ser, ele é afetado pela única coisa que faz furo e que do furo pode assegurá-lo. É isso que Lacan chama de Simbólico encarnado no significante, o significante é então o que faz o furo. O Real é furado pelo Simbólico. Desse modo, a linguagem para Lacan (1964) não comunica, ela faz furo no Real, e isso é o que ele chama em outro momento de *troumatisme* da pulsão (fazendo uma analogia entre a palavra *trou-* furo em francês - e traumatismo).

O inconsciente como furo, indicado por Freud no termo “umbigo dos sonhos”, é retomado por Lacan (1965a) como um inconsciente pensado pelo viés da Banda de Moebius, onde o furo impenetrável do recalque original se estrutura à partir da entrada do significante no Real. É por isso que Lacan considera um inconsciente Real, mas ao mesmo tempo estruturado como uma linguagem, visto que a linguagem faz borda e o cerca.

A razão pela qual eu posso falar com o meu corpo de gozo é que não é somente na palavra que encontramos a enunciação. Freud nos mostrou que os sintomas têm um sentido e ele percebeu que haviam coisas nas quais ninguém podia falar, ainda que o sujeito falante as conhecesse sem saber.

Nós podemos remarcar que Lacan vai desde a associação livre e da estrutura de linguagem de Freud até a letra do Real. O Real é alguma coisa na qual Lacan vai se ocupar, pois a psicanálise opera para reduzir o sentido pelo viés dos equívocos. O sintoma como Real é um novo olhar que nos leva à função de gozo.

O Real vai permitir à Lacan de se perguntar sobre os limites da metáfora. Mais especificamente, três metáforas são sublinhadas por Lacan: 1) A metáfora do sujeito; 2) A metáfora do sintoma; e 3) A metáfora paterna.

O sujeito como umbigo dos sonhos existe porque há um significante que pode o representar para um outro significante, mas também porque ele não é aprisionado no significante como simbólico. Ele é o sujeito do desejo e o desejo é algo irrepresentável na sua própria definição. O sujeito é igualmente um vivente afetado pela linguagem que goza, o que evoca o sujeito Real do nó borromeano (Lacan, 1975b, p.16).

A metáfora paterna organiza uma cadeia de significantes a partir do significante fálico, ou seja, os significantes ligados ao Édipo. Em 1956, Lacan dirá

que o significante é introduzido no Real através da palavra e é com a chegada do significante mais fundamental de todos (o Nome-do-pai) que surge a Lei. Dois anos mais tarde ele dirá que o inconsciente revela sobretudo o complexo de Édipo.

No seminário anterior a “R.S.I”, Lacan (1973) falara dos “*Non-dupes qui errent*” que significa os não tolos que erram e soa como os Nomes-do-Pai em francês. Ainda que Lacan tivesse prometido nunca mais tocar nesse assunto, os Nomes-do-pai aparecem nesse momento do ensino como um caráter individual, plural e subjetivo do sujeito para operar o que virá a ser o quarto nó do Édipo borromeano de Lacan.

Freud compreendia a realidade sexual como o que dependia da realidade psíquica e, durante o “Seminário 13”, Lacan (1965b) vai nomear a realidade psíquica de Freud como Édipo, esse Édipo que segura os três registros, pois ele disse desde o início, que sem o Édipo nada se seguraria. O Édipo estruturava esse inconsciente como linguagem que aparece ao céu aberto na psicose.

O sintoma é o que Lacan nomeou *père-version*, a versão do pai do sintoma, aquela de um pai que garante a função do sintoma. “R.S.I” aborda o Pai como um sintoma (Lacan, 1975a, p.29).

A metáfora do sintoma é o trauma do gozo, o reencontro com o primeiro gozo que Freud desenvolveu a partir do recalque e do retorno do recalçado. Dito isso, essa metáfora não era para todos, mas apenas para os neuróticos que estavam subordinados à metáfora do Pai. Anos depois, Lacan desenvolverá essa metáfora através da noção de letra.

Em “R,S,I”, Lacan (1975a) dirá que o sintoma é a função sintoma $f(x)$, onde x é o que pode se traduzir do inconsciente pela letra isolada de toda qualidade. A letra que condensa e que faz litoral entre o Real do gozo e o saber contínuo dos significantes de sua história.

Lalingua é a via pela qual o Real do gozo toca o fala-ser e provoca uma espécie de precipitação como letra. A letra corresponde a esse Um e é por isso que ela é idêntica a si mesma em oposição ao significante que só representa o sujeito para um outro significante.

Mas, nós podemos ainda questionar uma possível ruptura de Lacan com as estruturas clínicas. Joyce, ele era louco? Se ele era realmente louco, ele era um louco brilhante. Se cada inconsciente é uma linguagem, quer dizer, estruturado como uma linguagem, então Joyce criou a sua própria linguagem. Joyce, como um psicótico não faz metáfora, mas ele criou alguma coisa no lugar dela. Criando novas palavras e

jogando com seus sentidos ele assumiu a sua posição de caçador de palavras que o permitiu de construir sua própria suplência.

Joyce fez de *Lalíngua* seu próprio uso, por isso que Lacan o atribuiu o *sinthoma* e o chamou de “o sintoma”. Parece que Lacan fez um retorno no caminho que ele havia tomado em relação à psicose. Antes dos anos 1970, Lacan postulava que a psicose era causada pela forclusão do Nome-do-Pai, mas no seminário sobre o *Sinthoma*, Joyce é utilizado como exemplo dessa amarração. O sintoma, que era uma coisa ligada ao recalque é redefinido. Joyce é o sintoma e ele construiu o *sinthoma*, o que faz uma grande diferença em comparação a Schreber com a sua metáfora delirante.

O que Lacan aborda no caso de Joyce é essa maneira individual de suprir uma desamarração do nó. A suplência de seu saber-fazer de artista vai criar a obra ilegível de “Finnegan’s Wake”, obra que enfatiza o som, a sua letra pura, o que há de mais Real que é o seu sintoma de inventar palavras. Joyce é uma marca de mudança na clínica, especialmente na clínica da psicose.

Retornamos à “R,S,I”. O Imaginário é essa consistência que fabrica o falar, ele expõe a ênfase colocado no sentindo e na consistência. É o que o inventa e, ao mesmo tempo, ele é responsável pela debilidade mental do ser-falante como um “obcecado da sexualidade”. A ex-sistência responde ao Real em relação ao sintoma, como $f(x)$ designado pela letra. Nesse sentido, depois de 1970, o sintoma não é mais metáfora, é um evento de corpo onde a mulher é o sintoma de um outro corpo.

Existem inúmeros tipos de fixação de gozo nas estruturas clínicas: os sintomas obsessivos, as conversões e as fobias, por exemplo. Os sintomas ganham diferentes utilidades na junção de um “y” na frase. O “*savoir y faire avec son symptôme*” – saber fazer com o seu sintoma – é estabelecido como fim de análise (Lacan, 1975b, p.4) e a diferença entre o sintoma na neurose e na psicose é estabelecida pela “*Y croire*” – crer em algo - e “*Le croire*”- crer em alguém. Os psicóticos, na sua relação com a voz, segundo Lacan (1974), eles “*Les croient*”, eles crêm nessa entidade em forma de sintoma.

Durante os últimos ensinamentos de Lacan nós encontramos algumas considerações importantes sobre o sintoma. A cura se dirige em direção à um valor de verdade do sintoma-letra, que inscreve a relação do sujeito com o Real. Sobre o fim, o sintoma vira aquilo que não endereça mais nenhuma mensagem ao outro, porque trata-se de “deixar cair”. Nesse sentido, Lacan (1976, p.11) se nomeia, ele mesmo “um histérico perfeito, quer dizer, sem sintoma, a não ser de vez em quando”. Se nós

mudarmos sua escrita, temos as amaragens do *sinthoma* e do nó de Joyce, onde esse *sinthoma* vem reparar, de uma certa forma, o problema da amarração de R.S.I.